
O corpo pornográfico na sociedade de consumo: uma análise biopolítica e midiática ¹

Fábio de Carvalho Messa²

João Vinícius Moraes³

Nathani Mirella Valvazori dos Reis⁴

Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral

Resumo

O artigo analisa a pornografia contemporânea e o corpo pornográfico como extensões da mente e forças biopolíticas. Explora a transformação da pornografia em mercadoria sob a lógica da indústria cultural e do capitalismo. A pesquisa utiliza conceitos foucaultianos de biopolítica, a teoria crítica da indústria cultural de Adorno e Horkheimer, e o conceito de pornocultura de Attimonelli & Susca (2017). Complementa com evidências empíricas sobre exploração digital e impactos sociais da pornografia. O estudo demonstra que a pornografia contemporânea é um dispositivo de controle que reproduz desigualdades sociais. Reduz corpos a mercadorias e subjetividades a fantasias empobrecidas. A análise revela que a superação dessa condição exige transformações na produção pornográfica.

Palavras-chave: Corpo pornográfico; Biopolítica; Indústria Cultural; Tecnologia; Consumo.

O Corpo como Força Biopolítica

Ao abordarmos o corpo, ou “carne”, podemos considerá-lo uma extensão da mente do indivíduo. Mente essa que na sociedade age como uma força social, biopolítica e biofísica, entendendo que os agentes que são donos do corpo também representam instâncias de poder dentro de suas representações. Como coloca Attimonelli & Susca na obra Pornocultura: Viagem ao Fundo da Carne (2016):

“Reunindo em um nível planetário em um estado de emoção, compreendeu, provando-a humilhação somática e simbólica mais atroz que pode atingi-lo, sua própria obsolescência. É, no entanto, aqui, justamente, como em um nêmesis da história, em presença de todas as abstrações tecnocientíficas, que os humanos sobreviventes, pós-humanos em gestação, descobriram, além disso, em um estado generalizado de pathos, a empatia da carne, o milagre da carne. Um milagre pagão.” (ATTIMONELLI; SUSCA, 2017, p. 33)

¹ Trabalho apresentado na IJ05 – Comunicação, Cultura Digital e Tecnologias, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Orientador do trabalho e professor do Curso de Linguagem e Comunicação da Universidade Federal do Paraná – UFPR – Litoral, e-mail: fabiomessa@ufpr.br

³ Estudante de Graduação, 7º Semestre, do Curso de Linguagem e Comunicação da Universidade Federal do Paraná – UFPR – Litoral, email: joaovini2@ufpr.br

⁴ Estudante de Graduação, 1º Semestre, do Curso de Linguagem e Comunicação da Universidade Federal do Paraná – UFPR – Litoral, email: nathani.valvazori@ufpr.br

Foucault (2022) explora como o poder moderno se exerce não somente pela disciplina dos corpos individuais, mas também pela gestão da vida das populações, sendo por meio da biopolítica, reguladora de aspectos como saúde, natalidade e longevidade, transformando a própria vida em objeto de cálculo e intervenção política.

A biopolítica se vê manifesta na pornografia quando ao analisarmos através da gestão estatística e algorítmica dos desejos sexuais certa “escala” quantitativa desta gestão. Se observa por meio da pesquisa do ano de 2023 em que através do site *Pornhub* foi obtido o dado de que 22 milhões de brasileiros assumem consumir pornografia, sendo 76% homens e 24% mulheres, sendo a maioria composta de jovens (58% têm menos de 30 anos)⁵. O Brasil consolidou-se como o 7º maior consumidor de pornografia no mundo, demonstrando a massiva penetração desses dispositivos de controle na população, subindo da 10ª posição que ocupava nos anos de 2021, 2022 e 2023.

O Corpo-Mercadoria na Indústria Cultural Capitalista

Ao analisar o corpo, inicialmente temos o pressentimento de este ser somente um acumulado de pulsões e desejos ontologicamente atrelados ao ser humano, entretanto, tal fenômeno oculta muitas das vezes uma face histórica, ou seja, o quão tais pulsões e desejos estão enquadrados e delimitados nas margens da própria história. Como exemplo, podemos lançar mão do exemplo que Marx e Engels colocam sobre a sociedade capitalista, sendo, segundo eles:

"A sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classe. Não fez mais do que estabelecer novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta em lugar das que existiram no passado." (MARX, 2010, p. 40)

Portanto, de maneira a seguir as especificidades de cada época, poderíamos dizer que a cada nova forma de organização humana, as pulsões e desejos humanos não são extintos, porém, reformulados. De maneira a se adaptar em uma nova realidade, vezes criando novos desejos e pulsões, vezes, apagando-os, mas nunca os exterminando completamente.

⁵ D24AM. Brasil se consolida como o 7º maior consumidor de pornografia no mundo. Disponível em: <https://d24am.com/brasil/brasil-se-consolida-como-o-7o-maiorconsumidor-de-pornografia-no-mundo/>

Adorno e Horkheimer (1985) argumentam que a indústria cultural, é um *constructo* da sociedade capitalista, que massifica a arte e a cultura, transformando-as em mercadorias padronizadas que visam o lucro e a manutenção do *status quo*, moldando os desejos e a consciência dos indivíduos segundo a lógica do capital.

Como exemplo, podemos citar Chloe Cherry, ex-atriz pornográfica, que, nos oferece um testemunho de sua experiência ao comparar sua vida na indústria pornográfica com o mundo da moda: “A indústria pornô é muito mais tóxica quando se trata de imagem corporal do que a indústria da moda. Já no pornô existe literalmente um único tipo de corpo que você pode ter. Era muito rigoroso”.⁶ Este depoimento revela empiricamente como a indústria pornográfica opera mediante um controle corporal ainda mais severo que outras indústrias conhecidas por seus padrões restritivos, isto é, as indústrias capitalistas convencionais.

Sendo assim, os corpos nas mídias audiovisuais pornográficas heterossexuais *mainstream*, são representações das práticas de ação com uma recompensa rápida, tal qual um cigarro que aceso causa a sensação de calma e clareza ao viciado.

O vício da carne nos dias tecnológicos é somente o vício da satisfação temporária, que, como mercadoria, deve ser comprada e recomprada *ad nauseum* para se obter a única satisfação possível em tal mundo, o gozo pelo consumo — sendo o mesmo condição *sine qua non* para o sobreviver em uma sociedade capitalista (de forma física e cultural). A crítica de Adorno e Horkheimer (1985) à indústria cultural ressoa aqui, em que a satisfação é mercantilizada e o consumo se torna um ciclo vicioso.

Os corpos pornográficos são, em sua última instância, a maior representação do capital e do consumo. A carne perece na tela, com validade, mas a carne também tem consciência e vida. Attimonelli e Susca (2017) discutem a relação entre corpo, tecnologia e mídia, explorando como a carne se torna um recipiente midiático que condensa a alma e perece após seu fim.

Refletindo sobre a obsolescência programada não somente de objetos, mas também dos corpos na cultura digital. Sob esta perspectiva, a carne é um recipiente midiático que condensa o pensamento e perece após seu fim.

⁶ UOL. Ex-atrizes pornôs reclamam do mundo +18. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/10/13/ex-atrizes-pornos-reclamam-domundo-18.htm>.

As questões como “pertencimento”, “merecimento” e “moralidade” são tensões recorrentes a esses corpos componentes da pornografia — sem os atores, não se têm produções pornográficas.

Do mesmo modo como a sociedade consome o corpo do ator, ela a descarta devido aos preceitos de que após sua finalidade de performar para o prazer de outrem, o mesmo não possui espaço. Sendo então uma forma de descartar o produto que já cumpriu sua finalidade, que, após o prazer, se descarta (simbólica e fisicamente). O corpo daquele que, após exaurido de seu conteúdo, é relegado ao esquecimento.

Este consumidor, ainda que possua relação “anônima” com a pornografia, se vê como mediador de valor dos atores e seus espaços sociais e seus espetáculos. O ator não possui direito a esquecimento e também não possui posse de sua identidade, após a criação da *persona* pornográfica, a perda do indivíduo é uma recorrência indelével.

Benjamin (1987) discute a perda da “aura” da obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica, um conceito que pode ser estendido à *persona* midiática, que, ao ser massivamente reproduzida e consumida, perde sua singularidade e autenticidade.

Tecnologia, Vigilância Panóptica e a Erosão da Aura

Benjamin (1987) discute a perda da “aura” da obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica, conceito que pode ser estendido à *persona* midiática e à própria sexualidade. Na pornografia digital, a sexualidade perde sua singularidade e autenticidade através da reprodução técnica massiva, transformando-se em mercadoria padronizada e distribuível.

O consumidor de pornografia, ainda que possua relação “anônima” com o conteúdo, posiciona-se como mediador de valor dos atores e seus espaços sociais. O performer não possui direito ao esquecimento e também não detém posse de sua identidade. Após a criação da *persona* pornográfica, a perda do indivíduo constitui uma recorrência indelével.

Mia Khalifa, que participou de apenas 11 filmes pornográficos durante um ano de atividade, oferece um testemunho revelador sobre esta perda permanente de controle sobre a própria imagem. Ela descreve como “tem milhões de garotas que se filmam fazendo sexo e coisas assim, e ninguém sabe o nome delas. Ninguém sabe quem são. Eu achei que pudesse fazer do pornô o meu segredinho sacana, mas o tiro saiu pela

culatra". Este relato evidencia como a indústria pornográfica cria uma ilusão de controle e anonimato que é sistematicamente violada pela própria lógica de mercantilização do conteúdo.⁷

A escravização psico-tecnológica acontece na vida cotidiana quando os indivíduos acabam por se utilizar das ferramentas técnicas mais do que deveriam, criando uma inversão relacional. O ser humano que criaria as máquinas como auxílios diários acaba se tornando escravo destas tecnologias.

A *pornocultura* é reflexo do vício, anda como uma extensão física do indivíduo, em qualquer dispositivo de mão se encontra a porta convidativa do pornô. McLuhan (1964) descreve os meios de comunicação como extensões do homem, que moldam a percepção e a interação com o mundo.

Nesse sentido, os dispositivos móveis que dão acesso fácil à pornografia funcionam como extensões que alteram a relação do indivíduo com o desejo e o consumo, como coloca Attimonelli e Susca: “O corpo social pôde constatar sobre si próprio a supremacia da técnica e o fracasso da razão instrumental, precisamente lá onde os que tinham forjado esperavam que ela vencesse” (2017, p. 33)

De maneira geral, a “discrição” do uso de um celular torna menos nichado o espaço de consumo — o homem e seu grupo deixam de precisar de um espaço exclusivista (quarto, garagem, banheiro, escritório, etc.) em que poderiam usufruir de seus lazeres pornográficos em anonimato familiar.

Ainda que seja de comum senso que os seres humanos de modo geral consumam materiais pornográficos, essas práticas ainda são observados de maneira mais moralista por outros pares que participem do ciclo social familiar do consumidor-usuário pornô.

Hoje os aparelhos *smartphones* se tornaram novos ambientes “seguros” para o consumo e uso pessoal, mudando a dinâmica espacial do *habitat* do material pornográfico. Os aparelhos celulares que antes serviriam somente para instrumento de comunicação se transformaram em maletas de acesso simplificado e dinamizado para que seus usuários acessem seus prazeres e lazeres com menor vigilância, punição e delimitação espacial.

Na sociedade do espetáculo, atores e atrizes, presos à hipersexualização e à desvalorização de seus corpos, internalizam um panóptico cultural e mimético.

⁷ Id., 2022.

Conforme Foucault em *Vigiar e Punir* (1975), o panóptico promove autovigilância sob um olhar difuso, ecoando o *Big Brother* de Orwell. Na cultura midiática e pornográfica, essa vigilância impõe padrões, controlando corpos e moldando subjetividades.

O conceito benjaminiano de perda da aura encontra materialização concreta na pornografia digital através dos processos de reprodutibilidade técnica da sexualidade. Os relatos de Mia Khalifa sobre perda permanente de privacidade e controle sobre a própria imagem ilustram empiricamente como a reprodução técnica massiva resulta no empobrecimento da experiência e na alienação dos produtores de conteúdo. A investigação da Reuters sobre exploração sexual no OnlyFans demonstra como as tecnologias digitais não apenas reproduzem tecnicamente a sexualidade, mas também facilitam novas formas de exploração que combinam violência física, controle psicológico e monetização da violência sexual.

Invisibilização da Violência por Meio da Privatização Digital

A exploração sexual em plataformas digitais, como o OnlyFans, caracteriza-se pela invisibilização da violência através da privatização do conteúdo. Essa dinâmica permite que a exploração ocorra de forma aparentemente consensual e comercial, dificultando sua detecção. Um caso exemplar no Arkansas, em 2023, envolve uma mulher coagida por seu namorado a produzir vídeos sexuais para a plataforma, sofrendo abusos físicos em caso de resistência. A natureza privada da plataforma prolongou a exploração sem intervenção externa. Segundo a *Reuters*, pelo menos 11 casos de mulheres forçadas a realizar atos sexuais no *OnlyFans* foram reportados às autoridades ou resultaram em ações judiciais, evidenciando os desafios para a proteção de vítimas em ambientes digitais privatizados.⁸

Fragmentação e Desespero na Pós-Modernidade

As pressões relacionadas ao envelhecimento e à busca obsessiva por aperfeiçoamento estético também permeiam o universo dos performers pornográficos. Assim como o público, que se encontra imerso em uma cultura midiática saturada de padrões corporais idealizados, os atores pornográficos enfrentam demandas ainda mais intensas de aceitação e aprovação. Esta pressão se intensifica pelo fato de que seus

⁸ FOLHA DE S.PAULO. Escravizadas no OnlyFans: mulheres relatam sofrimento e servidão sexual. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/11/escravizadas-no-only>. Acesso em: 05 de julho de 2025.

corpos constituem simultaneamente instrumento de trabalho e produto de consumo. Os consumidores de pornografia não buscam somente performance sexual, mas também corpos que correspondam a determinados padrões estéticos durante o consumo do entretenimento erótico. Consequentemente, o envelhecimento representa uma ameaça direta à viabilidade profissional desses performers, gerando uma busca desesperada por procedimentos e práticas que retardem os sinais visíveis da passagem do tempo.

O corpo pornô é uma idealização de corporeidade baseada em discurso — o corpo como totem social tão pouco é possível, mas caminha em direção ao perecimento da carne. Desta maneira, o que são as representações pictóricas, senão um exercício de desespero? Anabolizantes, estimulantes, próteses e utilitários mecânicos, cujo fim se delimita na busca frustrada por sensações, “O humanismo e suas sequelas dotaram o indivíduo de próteses, de dispositivos e de instrumentos para governar o mundo colocando-se como sua medida” (ATTIMONELLI; SUSCA, 2017, p. 32).

Essa dinâmica revela como a indústria pornográfica amplifica e radicaliza as pressões estéticas já presentes na sociedade contemporânea, transformando a manutenção da juventude em uma necessidade econômica fundamental para a sobrevivência profissional. O corpo pornográfico é a representação de várias ideias metafísicas e geográficas do que devemos compreender como “território pseudo-material”.

Entrando nesta lógica tecno-pornô-metafísica, as representações pictóricas e imagéticas do pornô são ancorados pelos discursos hiper-sexualizados e organizados pelo machismo da indústria cultural. Uma lógica *sine qua non* do desejo masculino — pelos corpos que queriam ter e pelas mulheres que queriam possuir.

O discurso da corporeidade e da opulência material e, de novo, homo-centrada. Entendendo “homo” como homem-gênero, sujeito social masculino. A pornografia digital da web 2.0 constitui um fenômeno viscoso e pervasivo que emerge das transformações sociais e tecnológicas contemporâneas, inventando continuamente novas modalidades de prazer na sociedade pós-humanista.

Plataformas como *Pornhub*, *OnlyFans*, *Chaturbate* e *Xvideos* não somente democratizaram o acesso ao conteúdo pornográfico, mas revolucionaram sua produção, distribuição e consumo por meio de algoritmos de recomendação, interatividade em tempo real e uma personalização extrema.

Essa ecologia digital cria novos pactos de leitura baseados na participação ativa dos usuários, que podem comentar, avaliar, compartilhar e até mesmo produzir conteúdo. Sites de *camming* ao vivo como *MyFreeCams* e *Stripchat* estabelecem relações diretas entre performers e audiência, enquanto plataformas de *subscription* como *OnlyFans* permitem monetização personalizada. A pornografia amadora no *Pornhub* e a proliferação de conteúdo *user-generated* (amador/*amateur*) em redes sociais como *Twitter* e *Reddit* demonstram como a web 2.0 dissolveu as fronteiras tradicionais entre produção profissional e doméstica.

Essa configuração digital alimenta uma curiosidade e busca por conhecimento sexual que se manifesta por meio de algoritmos que aprendem preferências individuais, criando bolhas de consumo cada vez mais específicas e potencialmente viciantes.

Conclusão

A pornografia contemporânea é um dispositivo de controle multidimensional, unindo elementos biopolíticos, econômicos, tecnológicos e culturais para dominar corpos e subjetividades. Evidências empíricas confirmam essa teoria, evidenciando a materialização de conceitos abstratos em exploração e violência.

A biopolítica foucaultiana é confirmada pelos relatos de performers sobre controle corporal, onde padrões estéticos rígidos ilustram como o poder moderno gerencia corpos, transformando características físicas em objetos de cálculo político e intervenção econômica.

A crítica de Adorno e Horkheimer à indústria cultural é validada pela padronização e mercantilização nos relatos de *ex-performers*. Dados sobre o consumo de pornografia no Brasil evidenciam a penetração massiva da indústria, confirmando sua capacidade de moldar desejos e consciências.

A análise revela contradições estruturais: discursos de liberação sexual *versus* práticas de exploração e controle. A indústria promove empoderamento, porém as evidências demonstram exploração, violência e controle.

Para haver a superação desses problemas exigem-se transformações na produção pornográfica e reconfigurações nas relações de poder capitalistas.

A pornografia contemporânea é um dos dispositivos de controle mais sofisticados do capitalismo. Necessitando do engajamento de consumidores, pressões de

cunho político e social para haver reconfigurações na construção de alternativas que promovam formas mais humanizadas de explorar e consumir o erótico que se pressupõe haver em mídias pornográficas.

Referências

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ATTIMONELLI, Claudia; SUSCA, Vincenzo. **Pornocultura: Viagem ao Fundo da Carne**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas, v. 1. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. P. 165–196.

D24AM. Brasil se consolida como o 7º maior consumidor de pornografia no mundo. Disponível em: <https://d24am.com/brasil/brasil-se-consolida-como-o-7o-maiorconsumidor-de-pornografia-no-mundo/>. Acesso em: 05 de julho de 2025

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978–1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2022.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOLHA DE S.PAULO. Escravizadas no OnlyFans: mulheres relatam sofrimento e servidão sexual. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2024/11/escravizadas-no-only>. Acesso em: 05 de julho de 2025.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

UOL. Ex-atrizes pornôs reclamam do mundo +18. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/10/13/ex-atrizes-pornos-reclamam-domundo-18.htm>. Acesso em: 05 de julho de 2025.